

Recife

JOSÉ DE ALENCAR

ORGÃO DA SOCIEDADE LITTERARIA JOSÉ DE ALENCAR

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R. 604/1951

"JOSE' DE ALENCAR"

Redactor—Chefe

A. C. Queirós Facó,

Redactores :

Antonio Benicio, J. G. da Frota Pessoa, João Baptista de Q. Lima e Manoel Affonso.

O "José de Alencar" publica-se quatro vezes por mez.

Qualquer correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redação á Rua do Senador Pompeu n.º 132.

Assignatura

Por mez. 1\$000

Pagamento adiantado.

—Os originaes não serão devolviainda que não sejam publicados.

JOSÉ DE ALENCAR

16 de Outubro de 1892.

O publico intelligente que nos comprehende e nos anima a proseguirmos em nossa obra de reconstrucção, tem nos franqueado com tanta largueza seu valioso appoio como jamais ousariamos esperar.

Encontramo-lo de braços abertos a nos receber.

E nós si não levamos nossa presumpção a ponto de nos julgarinos o melhor jornal desta capital comtudo temos a consciencia de termos nos esforçado o mais possivel para agradar nossos leitores.

Não se poderia mesmo exigir de nós que apenas acabamos de nascer, de nós que nada sabemos porque agora é que estudamos, não se poderia exigir de nós que nada somos, que nada queremos ser, de nós que ainda esgrimimos mal nossas armas, não poderia exigir de nós uma obra perfeita, u.n trabalho acabado, um jornal correcto. Da-

mos o que podemos dar, isto é, aquillo que sabemos; que mais poderão exigir os criticos?

E depois—«nada prometemos.

Queremos trabalhar. Queremos fazer alguma cousa; queremos aprender e queremos estudar.»

Eis em que se resumem nossas mais elevadas aspirações.

Os que nos criticam os que nos apupam porque nos esforçamos, os que nos escarnecem porque trabalhamos e lutamos, os que nos insultam porque temos difficuldades a vencer e porque só nos occupamos com nosso fim, esses são os hybridos productos da natureza que merecem não odio, mas desprezo. Mas não nos negaremos a aceitar a critica ra-

soavel e severa dos competentes. Dizemos mais :

Desejavamos que nos mostrassem os erros, porque emendar é ajudar, porque corrigir é socorrer; portanto quemnos mostra o erro, nos salva assim como quem nos avisa de um perigo, faz com que o evitemos, e quem delle nos salva, nos presta grande serviço. E como já dissemos: queremos o juiso serio e reflectido, severo embora, e não a indifferença de um applauso.

Este juiso é que desejamos uma analyse profunda e competente nos encheria de prazer. Mas quem quer corrigir com escarneos, quem quer o emendar com apupos esses são dignos de lastima porque fazem o triste papel de *clowns*, e não merecem nossa attenção.

O publico que não nos retire o seu auxilio, que encorage com seus applausos a inhabilidade de nosso tentamen e temos esperança de que levaremos avante a espinhosa tarefa que encetámos.

JUBAS GORÉA.

SECÇÃO LITTERARIA

O CABECILHA

Affonso Daudet

(Conclusão)

«Que lhes deem depressa o que comer» disse o cura rindo-se. «Quando o lobo grita com força é que elle tem os dentes longos.»

Os carabineiros se afastavam. Mas um d'entre elles, o mais moço ficou em pé deante do chefe, n'uma attitudede altiva e resoluta que contrastava com seus traços de creança e o buço fino, apenas colorido que lhe envolvia as faces de um pó louro. Seu capote muito grande, cahia nas costas, sobre os braços se-

dobravam as mangas sobre 2 punhos finos e por sua amplidão o adelgaçava e o rejuvenescia ainda mais. Elle tinha febre, de seus longos olhos brilhantes, os olhos d'arabe avivados desta chamma fixa q' mortificava o cabecilha. «Que queres tú?» perguntou elle. «Nada, espero que vós decidades da minha sorte.» «Mas a tua sorte será a mesma dos outros. Eu não designei ninguem. A graça é para todos.» «Os outros são trahidores e fracos. Só eu não gritei.» O cabecilha tremeu e olhou bem em face: — «Como te chamas?» «Tonio Vidal.» «D'onde és?» «Do Puycerda.» «Que idade?» «17 annos.» «A republica então não tem homens, está redusida a recrutar meninos?» «Não me recrutaram adre, eu sou voluntario.» «Tu sabes, petife, que eu tenho mais de um meio para te fazer gritar: «viva o rei!» O menino teve um gesto soberbo: «Eu vos desalio!» «Tu preferes então morrer?» «100 vezes.» «Pois bem! morrerás.» Então o cura fez um signal e o pelotão de execução veio formar á roda do condemnado, que não se moveu.

Deante d'essa bella coragem o chefe teve um momento de piedade: «Tu não tens nada a me pedir antes?... Queres comer? Queres beber?»

— «Não, respondeu o menino; mas sou bom catholico e não queria chegar perante Deus sem confissão.»

O cabecilha tinha ainda o sobrepeliz e a estola: «ajoe-lha-te» disse elle assentando-se sobre uma rocha, e, tendo os soldados se apostado, o condemnado começa em voz baixa: «Abençoe-me meu padre, porque eu tenho peccado...»

Mas eis que no meio da confissão uma fusilaria terrivel clareia a entrada do desfiladeiro.—«A's armas!» gritaram as sentinellas. O cabecilha saltou, deu ordens, distribuiu os postos, espa-

lhou seus soldados. Elle mesmo pegou sobre um bacamarte sem perder tempo em tirar o sobrepeliz, quando voltando-se vê o menino ainda de joelho. «Que fazes ahí?» «Espero a absolvição.» «E' verdade» disse o padre, «eu te havia esquecido.» Grevemente elle levanta a mão abençoando aquella joven cabeça inclinada; depois tendo de partir, procurando com os olhos em redor o pelotão de execução dispersado no meio da desordem do ataque, recua um passo, faz pontaria sobre o seu penitente e fulmina-o a queima roupa.

JOSE' NAVA.

Perfis á penumbra

V

Me agrada todo e qualquer typo da mulher, com tanto que as feições sejam correctas. A cõr temora teuha minha preferencia a cõr não influe muito em minhas apreciações. Eu que sou idealista, que abo-

mino a bruteza absurda da materia, aprecio a natureza casta de ua mulher, essa alma angelica, esse coração purificado no cadinho das virtudes.

Eu que adoro as creanças quando vejo uma moça como esta que tem mais de creança que de mulher, não posso deixar de ficar absorto na contemplação muda de suas qualidades.

E' alva de uma côr delicadamente pura, d'esse alvo fresco e semi-rosado.

Seus cabellos espessos meio louros, meio castanhos às vezes estendem-se como uma toalha sobre seus hombros, às vezes formam uma trança cuja ponta é atada por uma fita.

Sua face é redonda; o nariz e a bocca regulares, os olhos muito puros e a voz mimosamente tremula como a de um bebê que balbucia e meliflua, sem hypocrisia. E' gorda e baixas; porem a altura é proporcional á gordura, como as feições o são á altura. Muito chic, muito ingenua, muito candida, eis o que posso dizer sobre ella, pois não convivo em sua intimidade e não conheço as qualidades que lhe possam exornar o espirito.

A cintura é delgada e mimosa, o corpo esbelto e gracioso.

Sua risada sonora e alegre parece querer abrir de par em par as portas de nosso coração, introduzir-se em nosso ser e revolucionar-o todo, derramando punhados d'essa alegria san e boa que poszue.

Eu que sou idealista, que abomino a bruteza absurda da materia me agrada d'esse typo de mulher vaporoso e poetico que condiz com minhas minhas ideias e theorias.

Outubro de 1892.

VI

Não aprecio na mulher senão as qualidades nobres e delicadas, sem affectação, sem pretenção, sem esse ridiculo fingimento que algumas adoptam para chamar a atenção dos que a cercam.

Detesto esses meneios affectados e direi mesmo, pouco dignos, essas liberdades que sentam mais n'un rapaz estroina que n'uma moça bem educada.

Haverá nada mais estupidamente ridiculo do que uma moça a se exhibir em publico como uma comediante com gestos affectados e exagerados? Haverá nada mais ridiculamente estúpido para uma moça do que querer chamar a atenção dos circumstantes por meios que não são dignos d'ella?

Ou julgam que tudo lhes é permitido e que não temos olhos para ver e ouvidos para ouvir?

Ou julgam que achamos tudo muito decente e natural?

A moça que descrevo pode-se vel-a na Avenida chamando a atenção dos qua transitam.

Vêde-a; lá vai com uma passada arrogante e larga, gestos felinos, os cabellos em desordem a cabeça desproporcionadamente

elevada, rindo-se com esse riso fingido e motejador para todos os rapazes, falando com emphese e exagero, toda requebrada, estacando a cada passo subitamente, e dando depois uma volta repentina e brusca continua, o passeio interrompido.

La vai; vêde-a. O mundo é para ella um peios—e que peios!—; apparecendo n'elle vós vereis a actriz, mas não conheceis a mulher.

Os cabellos que traz sempre soltos sobre as spaldas, os olhos que têm uma expressão consangüinea á força de fingirem os labios que estão em constante movimento dão-lhe um aspecto desagradavel.

Causou-me pena esta moça a primeira vez que a vi.

Depois eu a estudei como um objecto raro e meu estudo embora superficial suggeriu-me as ideias e reflexões que acima deixei expostas.

Outubro de 1892.

F. Pollux.

Historia d'um Estudante

(A. A. Facó)

Ao sul d'uma cidade desce Estado corre um pequeno rio cujas limpidas e frescas aguas amenizam o calor que perenemente assola aquella cidade.

Em uma de suas frescas e pitorescas margens acha-se uma poetica casa de campo que por ser muito pobre não deixa de ser habitada por uma honesta familia. Gustavo, um estudante de preparatorios, todos os annos depois dos exames ia passar as ferias n'essa cidade junto a seus pais durante este bom tempo todas as tardes ia elle pescar n'essa casinha onde morava uma gentil rapariga que fascinou-o pela primeira vez que elle o viu. Mercedes chamava-se essa elegante menina; era uma camponeza que a visse; Era alta e esbelta, seu corpo era fransino qual hastea do ja mtho, a sua tezinha a alvura dos lyrios quando desabrocham em manhã de Maio, os seus grandes olhos desprendiam nma tamanha luz que alimentava, cada vez mais, o grande amor do estudante.

Este, em companhia de Mercedes e Julinha sua irmã d'ella, sempre á tardinha, aos sopros do suave e brando Zephyro dava seus agradaveis passeios, ora pelas frescas margens do rio que muito adjacente fica da casa, ora pelas verdes varzeas; colbendo as odorificas flores; assim passava o estudante Gustavo as suas ferias, voltando depois aos seus estudos n'essa capital com o co-

ração partido de saudades.

Todos os annos elle não perdia esta quadra tao boa.

No ultimo anno de preparatorios, depois dos exames, Gustavo por despedida foi passar suas boas ferias n'aquella cidade.

Em chegando ali no dia seguinte foi visitar a sua querida Mercedes. Era quasi noite: o sino da matriz ja soara o toque das «ave maria».

Chegando a casa desejada G. com a tamaridade de que gosava, entrou precipitadamente e notando um silencio profundo moderou mais os passos, continuando a sua marcha lenta e encontrou de frente de uma alcova um grupo de mulheres; cumprimentando a todos cortezmente entrou na alcova onde deparou com outro grupo de pessoas em cujas pysionomias reinava uma inquietação e ao mesmo tempo uma tristeza; mais arredado um modesto leito em que estava deitada uma virgem que possuia um semblante alquebrado por uma longa doença, porem não deixava de ser meigo e com os braços cruzados sobre postos ao peito arquejava. Era Mercedes, a amante de Gustavo, que ha muito tempo padecia de uma terrivel doença e que desornada da belleza angelical que daantes possuia, esperava exalar o ultimo suspiro. Ao vel-a assim, Gustavo, amparando-se á uma cadeira que se achava junta ao leito mortuario de sua amante, sentiu-se com uma syncope: um suor frio banhava-lhe o rosto.

Mercedes, olhando para as pessoas que arroteavam-na reconheceu Gustavo seu-amante e exhausta de forças pegou a mão do moço e apertando-a contra seu peito exclamou a Gustavo, és tú?

O pobre moço sentiu-se mais fraco do que ella: não respondeu-lhe.

Uma fria lagrima lentamente corria dos olhos de Mercedes, que se achavam fitos para imagem do Crucificado que se achava em sua presença sobre uma mesa; e depois ella volvendol um terno olhar para sua mãe, disse-lhe, com uma voz quasi imperceptivel: Minha mãe ajudai-me; e depois para seu amante:

Gustavo adeus.

Cerrando os olhos e os labios surrin e expirou.

Choravam todos e Gustavo perdora a sua Mercedes, o seu primeiro amor.

.

No dia seguinte um azul caixãozinho sahio da casa de campo onde Gustavo ia todas as tardes passear e este acompanhado até o cimiterio voltou depois á casa com o coração ferido pe-

las saudades de sua querida Mercedes.

Durante as ferias Gustavo todas as tardes ia o Cemiterio e ajoelhando-se no tumulo de sua amada cobria-o de lagrimas e depois ornava-o de singelas florinhas.

B.

Fortaleza, Outubro de 1892.

SESSÃO LITTERARIA

Segunda-feira, 10 do corrente, fomos assistir uma sessão litteraria, em commemoração ao 1.º anniversario do periodico *Silva Jardim*.

A sessão foi prezeda pelo illustrado dr. Farias Brito que abriu-a com phrases eloquentes, saudando os moços entusiastas.

Depois fallaram os oradores inscriptos, Joaquim Xavier de Castro Brazil, Flavio Belleza, Alipio Bandeira, Antonio Ivo de Mattos e Manfredo Fernandes, redactores do *Silva Jardim*, que em palavras vibrantes de entusiasmo mostraram a sua espinhosa missão, prometendo não recuar. Manfredo Afonso, por parte desta redacção, Pedro Gomes da Frota, Ricardo Berredo, por parte da *Silva Jardim*, Roberto de Alencar Mattos, Tobias Coelho, por parte do *Athleta*, Jovino Guedes, por parte da «Padaria Espiritual», Raymundo Theophilo Moura, por parte da *José de Alencar* e Heraclito Domingues por par e da «Phenix Caixeiral».

Em seguida foi encerrada a sessão, com a palavra sempre bella do dr. Farias Brito, deixando gravadas no coração de todos as melhores impressões.

Falleceu no dia 12 do corrente o prestimozo cidadão José Angelo Sant'Iago que abriu um grande vacuo não só no seio da familia como nas fileiras do partido autonomista, onde militava.

Sentimentamos a familia que o pranteia e especialmente a nosso collega F. A. Sant'Iago.

Quadras

I

Não sei que doce encanto
Se prende ao teu semblante,
Só sei amar-te tanto
Desde aquelle doce instante

Em que eu te vi, formosa,
E senti-me prisioneiro
A's tuas faces de rosa,
Ao teu riso feiticeiro

Eu só vivo d'este amor
Que faz parte de minha vida
Esta te dou, ó flor,
Pois vivo por ti, querida.

E p'ra viver eu não quero
Mais do que o terno amor
D'um coração que venero
Como o teu, ó minha flor.

Si consiste a nossa vida
Em vivermos d'este amor,
Minh'alma á tua unida
Tem um goso ea mesma dor.

Desgraçados ou felizes
Vivamos n'uma só vida,
«A tal respeito que dizes?»
Respondeem breve, querida.

levantava-se como era de costume as 5 horas da manhã e neste dia levantou-se as 6. Bastou isto.

Augusto amarrou João no tronco d'uma arvore, e dependurou em um galho um pedaço de chumbo que pesava mais de 2 kilos, seguro por uma corda da altura dos peitos do mestre João e mandou a filha deste, que se chamava Ignez, balançar a corda com muita força até deitar sangue pela bocca.

Ignez não comprio a ordem e foi submettida ao mesmo castigo, sendo a corda balançada por Augusto.

Depois de ambos terem deitado muito sangue, Augusto obrigou-os a trabalhar na roça.

Sabendo José d'este facto convidou o pae e sua irmã para fugirem o que fizeram immediatamente.

Metteram-se em uma malta, onde passaram alguns dias por baixo das arvores comendo frutos ágrestes.

Julgaram-se livres e tentaram fazer uma casa.

Jose cortava as madeiras e tirava as palhas, Ignez carregava e o mestre João a fazia. Levaram 5 dias n'este lidar e iam melhorando de sorte.

Augusto trabalhava sem cessar para descobrir os escravos.

Um dia José se achava assentado sob uma arvore que ficava ao lado da casinha lendo com muita attenção um de seus li-

O CEARA' E A LITTERATURA

—o—

E' vergonhoso ver a decadencia em que se acha o Ceará quanto a litteratura.

Poucos são os periodicos litterarios que elle possui, assim como poucos são tan bem os homens que se dedicam ao estudo da litteratura!

O Ceará, que tem sido berço de tantos homens illustres, vê-se hoje despresado por seus filhos que nao ligando importancia ao seu progresso submettem-se na politicagem procurando simplesmente o seu interesse pessoal.

Isto é tristissimo! Escrevendo aqui estas linhas sinto-me acabrunhado, vendo o estado critico o que está reduzido o berço de Alencar.

Elle que tanto trabalhou em prol de uma causa santa, que encarou enormes sacrificios para levantar a litteratura patria tem tido muito poucos os que seguem os seus passos.

Este indifferentismo no Ceará é a causa de sua derrota, é a causa do seu desmoroamento.

Nasce um periodico litterario, trabalha e morre. Porque? Por causa do pouco interesse que se ligo a elle, pelo desamor que se nota ao cultivo das lettras.

Out'ora o Ceará era outro: notava-se mais gosto pela littera-

apressou a cortar a corda salvando-lhe a vida.

No proximo ajuste de contas descontou-lhe, o avarento 1\$000 por ter o criado cortado a corda sua vez desatual-a.

* *

O bom pai que educa seus filhos dá-lhes um monte pio inexgotavel.

B. Carvalho de Oliveira

* *

Querer é poder.

Caron de Beaumarchais

* *

O poeta é mais ceteleste que terreno.

Todo o poeta é magnanimo.

B. Carvalho de Oliveira

* *

A' Biblia Sagrada é por excellencia a epopeia das epopeias: é o inabalavel assento da verdade.

Carvalho de Oliveira



O TORRES

AO DR. R. DE FARIAS BRITO

I

Eu conheci o Torres, Rachiti o, magro, enfesado, tendo a alma apertada entre as estreitas paredes de uma amesquinhada estrutura e esta vergando sob o pezo da enorme cabeça, olhos pequenos, negros e vivos, bocca com duas rugas bem accentuadas nos cantos, um ar de desprezo a pairar-lhe nos labios como que desafiando todo o mundo, o nariz proporcional com a cabeça, cabelo sempre a escovinha, resposta sempre prompta, satira mordaz e picante.

Era geralmente timido o Torres.

E' que elle sabia como encanstrar um individuo com um de seus dictos esmagadores, sempre seguidos de um risosinho motejador e que tinha pretensões a innocente, que feria como um alfinete de aço e de um bater significativo de mãos como que apoiando a si mesmo.

Teria quando muito 28 annos; dar-lhe-iam, porem 40.

Era audaz e de vistas largas. De baixa condicção, sua mãe era uma pobre martyr que atraioçada infamemente, sacrificou sua

vro, quando ouviu uma voz que lhe disse:

José! onde está teu pae?

José olhou, reconheceu Augusto e nada lhe respondeu. Não reconhecendo o mestre João a voz apparece na porta, e ao deparar com Augusto, desmaia, indo ao seu soccorro seus filhos. Augusto fez um ligeiro signal, ao qual se apresentaram 3 cabras que por ordem do "senhor" amarraram os 3 infelizes e os conduziram para a cidade, ficando á casinha abandonada.

Logo que ali chegaram na cidade souberam por algumas pessoas que gritavam a libertação dos escravos.

Os infelizes abraçaram-se no momento em que separavam-se e cahiram de braço sobre a terra como quem dorme ou como quem..... morre!

FRANKMAT JUNIOR.

Na proxima 2. feira segue para a serra de Batarité, onde vai restabelecer-se de seus incommodos, o sympathico estudante, e nosso intelligente dedicado amigo Antonio Benicio Cavalcante.

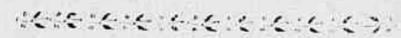
Desejamos-lhe feliz viagem e proximo regresso.

notava-se mais gosto pela litteratura, e os homens mostravam verdadeiro interesse pelo seu desenvolvimento.

Pois bem! a mocidade que ama a sua patria, que nunca se desanima com o indifferentismo dos homens, deve trabalhar muito, para erguer o Ceará e encaminhal-o á estrada que elle deve seguir.

Avante,romeiros do futuro!

ROBERTO DE ALENCAR MATTOS.

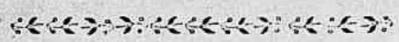


Recebemos o jornal "Oliveira Paiva", homenagem que á memoria deste inditoso moço tributaram os seus amigos. Esta bem escripto, notando-se em seus artigos o sentimento, que em todos os corações deixou aquelle q' foi o idolo de uma familia, e um dos astros da litteratura Cearense. Agradecemos a gentileza.



SALA DE RECREIO

Um avarento acabava de se suicidar, enforcando-se, quando entrou um seu criado que se



AMOR PELA LIBERDADE

Eram tres: um homem quasi velho, uma rapariga e um menino de 12 a 14 annos.

Mestre João chamavam ao homem.

Moravam n'uma aldeia, um pouco retirada da cidade, trabalhando para seu «senhor» que era um ricoço e chamava-se Augusto.

Ha 20 annos trabalhava esta pobre familia para Augusto, onde ja tinha morrido na escravidão Maria mulher do mestre João.

O menino chamava-se, José e ja tinha 16 annos. Foi para a capital, matriculou-se n'uma escola nocturna afim de ver se obtinha alguma instrucção. Com effeito, fez rapido progresso e já era considerado o primeiro da escola.

Tinha uma divisa que lhe illuminava a fronte: a liberdade.

O mestre João era virtuozo e trabalhador, Augusto, porem, era perverso e rigoroso.

Um dia calno o mestre João em uma falta muito simples:

honra a um miseravel que a seduziu. Elle era o fructo d'esse erro. O odio de morte que sua mãe lhe incuira ao miseravel que o produzira e depois o desamparara; occupava o primeiro lugar em seu coração.

Odiava, sem conhecer, odiava mortalmente esse homem que era seu pai, odiava-o somente pelo mal que fez a sua mãe; mal de que resultou seu nascimento.

Sua mãe—oh! quem fallava a respeito d'ella, fazia-o em termos comedidos, com cautella, porque quando se lembravam de lhe fazer uma allusão qualquer, de leve, muito de leve mesmo, elle com um risosinho sarcástico e ingenuo e batendo as mãos, dizia:

«Ora! ouçam-me lá! Isto foi pelos annos de 18... Eu era um peralvilha de 17 annos, turbulento, que sabia manejar um tanto o meu punhal, um tanto minha navalha, um pouco de capoeira e mettia-me a valente. Alguns rapazes se lembraram um dia de referir-se a essa mulher que foi minha mãe com uma certa liberdade que me desagradou; ri-me com elles, mas depois um a um eu fiz comprehender a grosseria deste gracejo e este punho (e o agitava naturalmente, sem pretensões) este punho esborrachou o nariz de 6 de meus bons camaradas...

Que dizem da licção?»
E com seu maldicto estertor (que a tal se semelhava seu riso) «hem! hem! hem!» elle cofiava alguma couza que devia ser uma barba e batia as mãos satisfeito de si mesmo.

Oh! o Torres!... Uma especie de parasita, sem um vintem de seu, mas inda assim procurado, si bem que respeitado.

Estava continuamente de bom humor, mas quem não tem a sua *maré de burro*: O Torres tambem a tinha.

Então era terrivel; não fallava, não ria, não batia as mãos, mas com o laconismo severo e imperturbavel que possuia ás vezes, distribuia um pontapé, uma estocada ou um secco e depois dava as costas ao individuo assim mimoseado e ia-se como si nada houvera acontecido.

Ousado, quando o sangue fervia-lhe nas veias, tinha verdadeiros impetos de selvageria. Levado uma occasião á presença do chefe de policia em razão de uma grave offensa physica feita em um cidadão, o Torres respondeu á auctoridade que inquiria sobre a razão do facto:

«Senhor, espanquei-o pela mesma pergunta que agora me fazeis.»
«Como assim?»

«E' que eu estava castigando um sujeito que me insultava e elle pediu-me satisfações.

Então voltei-me para elle com armas e bagagens.

Eis a razão porque eu digo: «Bati-o pela mesma pergunta que acabais de me fazer.»

E dizendo isto tinha a voz ameaçadora e a entençaõ firme.

O chefe de policia mandou-o ir. Viu que o Torres não era homem com quem se brincasse e que mais valia tel-o por amigo do que por inimigo.

II

Um dia encontrei o Torres contra o costume sorumbático e meditando.

«Que diabo tens tu?» perguntei.

Nada! mudo como uma rocha.

Dei uma volta, fui a uma estante, abri um livro que me apressei a fechar, cheguei-me á janella, olhei para o tempo e voltei para junto do Torres. «Mas que diabo? dize o que tens? Estás doente?»

O Torres continuava mudo mas já desviara a vista que tinha obstinadamente fixa n'um canto da sala. Já era obter alguma cousa.

De repente volta-se. «Ah! es tu?»

Dei uma gargalhada. «Não me vias?» «Absolutamente...» «Mas perguntava-te o que tinhas? Estás soffrendo?» «Meu amigo»

disse o Torres com o ar compungido e melancólico, «eu soffro muito; calcula que cabi na asneira de me apaixonar e que o objecto de meu amor é a orgulhosa filha do conde de Visbork.» Por pouco que não disparei uma gargalhada mesmo na casa do Torres por sua imprevista declaração.

Pude, enfim, domiar-me e respondi: «Mas é serio, Torres?» «Tão serio como existir a Terra.»

Calámo-nos e elle voltou á sua scisma; por fim quando já me dispunha a retirar-me elle voltou-se para mim com um ar sombrio e me disse segurando nervosamente em meu braço: «Escuta, vou contar-te tudo!»

Jubas Goréa.

(Continúa)

E' muito tarde!

(Para satisfazer um pedido)

Eu amei-vos, senhora! A minha vida depuz a vossos pés, vos dediquei; o amor intenso que eu vos consagrei não teve a recompensa merecida.

Soffri; por fim qual louco suicida as crenças de meu peito assassinei, uma a uma esmaguei, estrangulei—
— minh'alma era um deserto sem guarida.

E hoje senhora, hoje que me amais — sinto dizel-o! — eu não posso mais nutrir o amor que em vosso peito arde...

Tirai de vosso coração, senhora, esse amor, como o meu tirei outr'ora!...
— tudo acabou-se! é tarde! é muito tarde!

Fortaleza, 13 de Outubro de 1892

Junio Pyrro.

O HOMEM

(Tradução livre d'uma poesia franceza de Bondinat)

A minha irmã M. E. da F. P.

Cuspindo ao mundo que elle apenas toca
Sua tola e importuna vaidade
Idéa de um mosquito o homem evoca
Que pouco dura e aspira á Eternidade,
E' um corpo que brinca e soffre... e eu scismo
Que é um espirito alado, mas sem sorte,
Que é um raminho á berda de um abysmo
Antes da morte.

Depois frias as mãos e arroxeadas
Rasga e conchega novamente as vestes
E sem poder bradar: Oh Deus! quebradas
São as ingentes forças que me destes»
E em seu coração que se ennegrece
Ouve o remorso sibilar tão forte
Como uma tenebre vibora e estremece
Durante a morte.

Emfim o homem se reduz ao pó
E se esmigalha e todo se consome,
Delle o que resta? o barro, o lodo só
Que o vento atira ás regiões sem nome,
Depois feio phanasma—o esquecimento
Se agacha e dorme sem que o mais lhe importe
Sobre seus restos que pertencem ao vento
Depois da morte.

Junio Pyrro.

Electricidade

Theodomiro Theodorico de Castro, apto para todo serviço concernente a materia de electricidade, concerta machina de choks quer de electricidade estatica quer dinamica de systema A. Gaefle, Home, Kiddere outros auctores— assim como tambem concerta tympanos, baterias, galvanometros electricos e magneticos, podendo ser procurado em sua residencia a rua do Senador Pompeu n.º 209.

O mesmo espera brevemente um apparelho de galvonoplastia de systema moderno, e logo que este receba ponhe a disposição do publico mediante ajuste dou-rar, pratear, niquellar qualquer objecto ordinario ou de luxo.

THEODOMIRO DE CASTRO

CONSELHO DE INSTRUCCÃO DO PARTIDO OPERARIO

De ordem do Sr. Director Theodomiro de Castro, faço publico q' as aulas nocturnas d'este Partido, acham se abertas a disposição de quem interessar possa outro si-acha se aberta a matricula para as aulas de musica, sendo acceto alumnos de 12 até 15 annos de idade não podendo se acceitar mais do'que 40 alumnos ao todo

Secretario
Francisco Possuonio Rêno.

Ao commercio

Barbosa, Irmão & C., declaram que desde 31 de Julho ultimo retirou-se de sua firma commercial o socio Sr. Francisco Leite Barbosa, embolsado de seu capital a luros: contiando nossa firma sem alteração alguma o mesmo giro de negocio que tem feito, e sob a responsabilidade activa dos socios Maximiano Leite Barbosa e José Gomes de Moura.

Ceará, 30 de Setembro de 92.

Barbosa, Irmão & C.ª

João Izidoro da Silva

Tendo mudado a minha sapataria para a rua do Senador Pompeu, n.º 400, canto da Municipal n.º 37, dispondo de um pessoal habilitado e de material de primeira ordem, offereço meus serviços aos bons freguezes da Capital e interior garantindo perfeição promptidão e modicidade no preço das minhas obras.

Typ. do «Combate» — Rua Formosa n.º 131